

YES WE CAN!

por Mário Soares

Faltam cerca de dois meses para que Barak Obama tome posse do cargo para que foi eleito: Presidente dos Estados Unidos, por impressionante maioria. É um interregno difícil, porque o Mundo está a evoluir com enorme rapidez e a crise múltipla que vivemos a generalizar-se perigosamente. Como um terrível vírus.

É certo que Obama não tem perdido tempo. Mas não pode - nem deve - exceder certos limites. A Constituição e os rituais do poder obrigam... E, entretanto, a crise alastra e aprofunda-se. A crise financeira - provocada, em boa parte, pelos negócios virtuais - começa a afectar a economia real, atingindo sectores imobiliários, do automóvel e outros, empurrando os países (a América, e a Europa, alguns emergentes, e também o México e o Canadá, por serem vizinhos) para fortes

"abrandamentos", nome que os economistas utilizam quando não querem falar em recessão. Mas, no fundo, é disso que se trata.

O plano Paulson, mesmo corrigido pelo Congresso, investiu fortunas nos bancos falidos, mas foi como a água no deserto. Esvaiu-se... A Ford, a General Motors e outras empresas do mesmo ramo, reclamam financiamentos. Mas com que critérios podem ser distribuídos e com que resultados? E, sobretudo, com que transparência? E, por outro lado, quem apoia os desempregados, os que perderam as suas casas e as suas poupanças investidas em títulos cotados na Bolsa?

O plano Paulson não parece ter resolvido muita coisa. Tranquilizou um pouco a turbulência dos mercados. Mas foi sol de pouca dura...

Na Europa as soluções não foram melhores, com a agravante de terem sido menos transparentes. Tem-se a impressão de que procura salvar-se o establishment das grandes negociatas (virtuais) nos "paraísos fiscais" e que os pobres, os desempregados a crescer, e os inocentes, que entregaram aos bancos as suas poupanças e as perderam, que paguem a crise... Continuamos na "lei da selva", em que as vítimas são sempre as mais desfavorecidas, como se isso fosse uma fatalidade.

A Cimeira dos G20, em Washington, como era previsível, limitou-se à constatação da crise, da incerteza quanto à sua durabilidade e extensão e a uma tentativa de branqueamento dos responsáveis, a começar por George Bush.

Houve promessas e desentendimentos. A retórica é conhecida. Mas todos os presentes não tinham ilusões que ali não se podia resolver nada - faltava, obviamente, o protagonista principal, Barack Obama - e abundavam os amigos e cúmplices de Bush, quase tão responsáveis pela crise, como ele próprio. Havia muitos rostos desse ominoso passado recente, sobretudo os vindos da Europa, que estão marcados com o estigma das responsabilidades crescentes, que conduziram à trágica situação em que nos encontramos... Acredito que a opinião europeia não os vai absolver. Há muitos sinais disso. E com a crise a agravar-se vão avolumar-se com as tensões sociais e as revoltas das populações.

A crise é do sistema. Para lhe fazer frente, com êxito, tem que mudar o paradigma. O euro-liberalismo, como ideologia, perdeu a credibilidade, implodiu, como o universo comunista, no tempo de Gorbachev... É preciso encerrar os paraísos fiscais, punir o banditismo do colarinho branco, regulamentar a globalização, democratizar a ONU e torná-la mais representativa, para ao redor dela se reconstruir uma nova ordem mundial, mais pluralista, justa, multicultural e multilateral.

Esse é o imenso trabalho que se espera de Barack Hussein Obama e da maioria democrática que se conseguiu fazer eleger no Congresso, na Câmara dos Representantes e no Senado. Está na

hora, também, da política europeia mudar, radicalmente. Ou entra em decadência irremediável. As duas grandes famílias ideológicas europeias - socialistas ou sociais-democratas e democratas cristãos - têm que saber repensar-se e renovar-se, no que se refere ao pensamento e à prática política. Têm que se situar ao lado dos verdes e dos partidos de Esquerda, que tenham sentido da responsabilidade (neste momento tão grave) e dos centristas que não sejam neo-liberais. Para que a Europa possa ser um protagonista global - como merece - e um parceiro leal dos Estados Unidos, embora cioso da sua autonomia estratégica.

Yes we can!

Lisboa, 20 de Novembro de 2008